

ENSINO DE GEOGRAFIA PARA SURDOS: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Thabata Fonseca de Oliveira¹
Celeste Azulay Kelman²

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

Este trabalho pretende analisar as produções acadêmicas que abarcam a temática do ensino de Geografia para surdos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008), de natureza qualitativa. Para o levantamento do material analisado, foi utilizado o Banco de Teses e Dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que apontou nove dissertações com o tema de interesse. A partir da leitura do material, três eixos foram definidos para a discussão e apresentação do resultado da pesquisa: informações gerais; inclusão e ensino de Geografia para surdos; e materiais e práticas pedagógicas na educação geográfica de alunos surdos. Constatou-se que as dissertações apontam uma inclusão do estudante surdo ainda precária, o que tem dificultado a aprendizagem da Geografia de forma

¹ Professora de Geografia do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Professora-associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Surdez (GEPeSS/UFRJ).

significativa. Por outro lado, ficou evidente que a produção acadêmica na área tem avançado em propostas pedagógicas para o atendimento desse alunado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Educação de surdos. Produção acadêmica. Inclusão escolar. Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação de surdos tem adquirido relevância em estudos acadêmicos. De certo modo, a perspectiva da inclusão escolar propiciou o contato de um número maior de professores com alunos surdos, o que leva a questionamentos acerca das práticas pedagógicas mais apropriadas, bem como das possíveis especificidades nos processos de construção de conhecimento desses estudantes. Tais investigações se relacionam mais frequentemente com os campos de conhecimento da Língua Portuguesa, da Língua de Sinais, da Matemática e das Ciências da Natureza (RAMOS; ZANIOLO, 2014b).

Em pesquisa realizada pelas autoras deste artigo (OLIVEIRA; EIRAS; KELMAN, 2016), foi possível observar essa tendência. Nessa investigação, analisou-se os anais dos Congressos de Educação Especial (2010 a 2014), com o ensino de Geografia para surdos apresentando uma pequena incidência, aparecendo apenas em um de 96 trabalhos averiguados. Diante dessa escassez, levantou-se em outras bases, como o Banco de Tese e Dissertações da Capes (BTDC),³ que tem por objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação do país. Nessa plataforma, encontramos nove dissertações envolvendo a temática de interesse.

³ Pesquisa realizada em janeiro de 2017.

Assim, este artigo tem como objetivo geral analisar as produções acadêmicas do BTDC referentes ao ensino de Geografia para surdos, a fim de conhecer o que tem sido produzido a respeito do assunto e identificar as contribuições dessas pesquisas para a área educacional. Os objetivos específicos definem-se em: a) compreender, a partir das dissertações analisadas, como está a situação do aluno surdo em aulas de Geografia no atual contexto de inclusão escolar; e b) verificar o que tais trabalhos apresentam como sugestões de práticas pedagógicas e recursos didáticos para a aprendizagem geográfica dos alunos surdos.

Na conjuntura de inclusão educacional vigente, esta pesquisa mostra-se importante para sistematizar as contribuições das investigações realizadas na interface do ensino de Geografia com a Educação de Surdos. Além disso, pode oferecer pistas de quais aspectos ainda precisam ser mais bem explorados no que concerne a essa temática.

METODOLOGIA

Este estudo é uma investigação bibliográfica (GIL, 2008) de natureza qualitativa. Para selecionar o material de análise, foram realizadas pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da Capes, com os descritores “Geografia” && “surdo” || “surdez” || “surdos”. Como resultado inicial, foram apontados 19 trabalhos. Porém, pela leitura dos resumos das teses e dissertações sugeridas, ficou evidente que apenas nove trabalhos, sendo estes somente dissertações, relacionavam-se ao ensino de Geografia para surdos. As demais obras envolviam pesquisas sobre espacialidades e territorialização da população surda e investigações sobre aspectos gerais da educação de surdos, sem nenhuma particularidade no campo de ensino da Geografia.

A análise do material seguiu as recomendações de Gil (2008) para uma pesquisa bibliográfica. Assim, foram executadas: a) leitura exploratória; b) leitura seletiva; e c) leitura analítica/interpretativa. A partir desse procedimento de análise definiu-se três eixos para a discussão e apresentação do resultado da pesquisa: *informações gerais; inclusão e ensino de Geografia para surdos; e materiais e práticas pedagógicas na educação geográfica de alunos surdos.*

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Informações gerais

Após a leitura exploratória do material selecionado, observou-se que o trabalho mais antigo da plataforma é de 2003, e que a maioria das dissertações — sete das nove analisadas — foi defendida após 2010. Tal fato sugere que a produção acadêmica envolvendo o ensino de Geografia e a Educação de Surdos tem se intensificado ao longo dos últimos anos (**Gráfico 1**). Em relação aos programas de pós-graduação, constatou-se que quase todas as dissertações, com exceção de apenas uma, foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em Geografia.

Ainda nesse aspecto, ficou evidente também a concentração dessas pesquisas nas regiões Sul e Sudeste do país, uma vez que apenas dois trabalhos são originários de programa de pós-graduação do Nordeste e do Centro-Oeste, e nenhuma produção acadêmica foi identificada na região Norte. Ramos e Zaniolo (2014a) encontraram resultado semelhante ao analisar a produção acadêmica na área da educação de surdos. Os autores apontaram que as regiões Sul e Sudeste concentraram 72,8% das teses e dissertações envolvendo educação e surdez, no período de 2005 a 2009.

No entanto, para entender tais números, os autores supracitados ressaltaram um aspecto essencial trazido por Santos e Azevedo (2009): “as assimetrias regionais na distribuição de programas de pós-graduação *stricto sensu* no país” (RAMOS; ZANILOLO, 2014a, p. 310). Nesse contexto, é observada a supremacia da região Sudeste e Sul na proporção de programas de pós-graduação. As regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, por sua vez, apresentaram quantidade bem inferior de programas em relação às primeiras regiões. Portanto, os achados referentes às dissertações de ensino de Geografia e Surdez podem refletir, de certo modo, o padrão de desigualdade distributiva de programas de pós-graduação e da pesquisa acadêmica no Brasil.

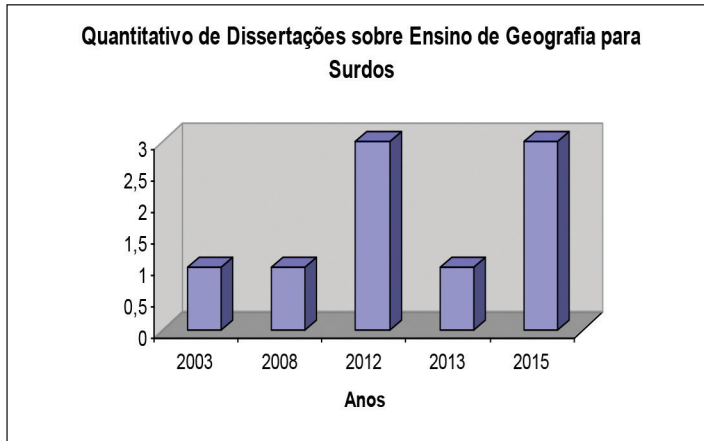


Gráfico 1 – Quantitativo de dissertações sobre ensino de Geografia para surdos
Fonte: elaborado pelas autoras

No tocante aos objetivos das dissertações, também foi possível identificar diferenciações entre os trabalhos pesquisados. Constatou-se que três investigações empreendidas (PENA, 2012; ANDRADE, 2013; SILVA, 2015) apresentavam principalmente natureza *avaliativa*, ou seja, examinaram a inclusão do aluno em escolas regulares ou o trabalho específico em uma escola especial; as práticas pedagógicas desenvolvidas; e a aprendizagem geográfica de alunos surdos. Para isso, foram utilizadas técnicas como observação, entrevistas e questionários.

As outras seis dissertações (SILVA, 2003; SILVA, 2008; FUENTE, 2012; FONSECA, 2012; FERNANDES, 2015; ARRUDA, 2015) foram analisadas como de natureza *propositiva*, uma vez que os autores desenvolveram ou refletiram acerca de possibilidades pedagógicas para o ensino de Geografia no âmbito da surdez. Vale lembrar que essa classificação foi realizada a partir dos objetivos centrais propostos nas pesquisas, o que não significa que esses últimos trabalhos não tenham também avaliado a inclusão do aluno surdo em suas investigações. Do mesmo modo, as dissertações de natureza *avaliativa* também destacaram, de modo sintético ao final das pesquisas, possibilidades para aprendizagem geográfica do alunado surdo (**Gráfico 2**).

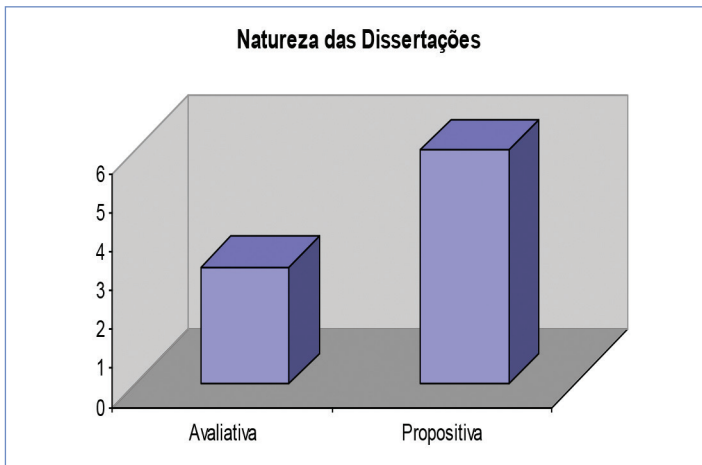


Gráfico 2 – Natureza das dissertações
Fonte: elaborado pelas autoras

Inclusão e Ensino de Geografia para Surdos

Nesta etapa, foram sistematizados e discutidos os resultados das dissertações de natureza avaliativa com os quais foi possível evidenciar as condições de inclusão do aluno surdo na escola e em aulas de Geografia, por meio das pesquisas de Pena (2012), Andrade (2013) e Silva (2015).

Pena (2012), ao investigar o ensino de Geografia para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, da rede regular de Uberlândia (MG), concluiu que a maioria dos professores dessa disciplina não era capacitada para o trabalho com alunos surdos, havendo dependência integral dos intérpretes para a comunicação entre eles. A autora apontou ainda que muitas das práticas escolares com os surdos não eram significativas. Esses resultados alertam para a importância do conhecimento da língua de sinais pelo professor regente, a fim de que este “não esteja sempre na dependência do intérprete, ou delegando toda a responsabilidade da comunicação com os alunos surdos para esse profissional” (GUARINELLO et al., 2006, p. 238).

A pesquisa de Pena (2012) constatou ainda, no campo empírico da sua investigação, que não havia relação satisfatória entre os professores de Geografia e os professores do Atendimento

Educacional Especializado (AEE). De acordo com a autora, existia a concepção, por parte dos professores de Geografia, que o AEE funcionava como uma espécie de reforço escolar. Nesse sentido, vale salientar a necessidade de uma real integração entre os profissionais responsáveis pela inclusão do aluno surdo na escola para o êxito desse processo.

A investigação de Andrade (2013), por sua vez, foi realizada em uma escola polo para surdos em São José (SC). Tal pesquisa buscou averiguar como transcorre a inclusão de alunos surdos em aulas de Geografia, analisando uma turma regular com estudantes surdos inseridos e uma classe especial formada apenas por alunos surdos. Na turma regular, Andrade (2013) observou que as aulas não eram planejadas para atender as especificidades dos alunos surdos, uma vez que o ensino de Geografia se organizava com poucos recursos visuais, com predomínio do livro didático e leitura em voz alta dos textos do livro feita pelos alunos ouvintes. Nessa dinâmica, os intérpretes tinham dificuldade de acompanhar o ritmo das aulas, que eram planejadas essencialmente para os ouvintes.

Andrade (2013) verificou também que a interação social dos alunos surdos e ouvintes era precária, tanto dentro como fora de sala de aula. Na classe regular, a autora destacou que os alunos surdos formavam “ilhas”, separando-se dos alunos ouvintes e agrupando-se com o intérprete para desenvolver as atividades solicitadas pelo professor titular. Nesse contexto, foi observado que não havia uma interação satisfatória entre alunos surdos e ouvintes em atividades pedagógicas propostas em sala de aula. A psicologia histórico-cultural nos incita a atentar para a importância das interações para o desenvolvimento do ser humano e de suas atividades mentais (LURIA; YUDOVICH, 1987). Assim, é desejável que os docentes organizem tarefas envolvendo alunos surdos e ouvintes. “Destas interações resultam aprendizado acadêmico, socialização e criação de laços afetivos entre todos os participantes da turma [...] favorecendo o desenvolvimento de cada aluno enquanto sujeito ativo e confiante em si mesmo” (KELMAN; BRANCO, 2014, p. 502).

Por último, Silva (2015) realizou investigação em uma escola especial para surdos, em Teresina (PI), cujo objetivo foi analisar as práticas pedagógicas durante as aulas de Geografia no intuito de verificar se os conteúdos ensinados propiciavam o

desenvolvimento de competências e habilidades da disciplina. Silva (2015) também pesquisou a realidade de inclusão de uma aluna surda que, além de frequentar a instituição especializada em que ocorreu a pesquisa, também estava matriculada em escola da rede regular:

Na escola especial, ao acompanhar aulas do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a autora constatou que a fluência e a condução das aulas em Língua de Sinais não eram suficientes para que o ensino de Geografia fosse satisfatório, sendo necessários o desenvolvimento dos conteúdos curriculares da disciplina e a apropriação de estratégias e recursos visoespaciais.

A investigação na escola regular, por sua vez, revelou que a aluna surda não teve suporte para suas especificidades durante as aulas de Geografia. Por meio de entrevista, a professora responsável pela disciplina reconheceu não usar estratégias, recursos e metodologias que favorecessem o aprendizado da aluna. Além disso, tal como observado nas pesquisas anteriores, parte do trabalho com a estudante surda era delegado ao intérprete de Libras.

Por meio da análise das dissertações de natureza avaliativa (PENA, 2012; ANDRADE, 2013; SILVA, 2015), as autoras deste artigo estruturaram algumas das condições de inclusão do aluno surdo na escola e em aulas de Geografia apresentadas nas pesquisas (**Figura 1**).

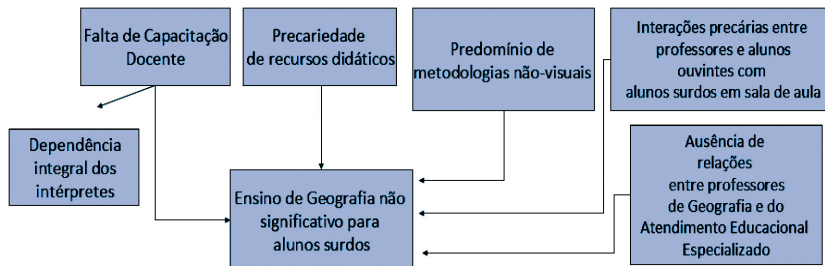


Figura 1 – Sistematização das condições de inclusão do aluno surdo nos trabalhos de caráter avaliativo
 Fonte: elaborado pelas autoras

Os resultados das pesquisas de Pena (2012), Andrade (2013) e Silva (2015) demonstraram que o aluno surdo ainda está inserido precariamente nas escolas regulares e, conseqüentemente, nas aulas de Geografia. O relato das pesquisadoras vai ao encontro da análise que Lodi e Albuquerque (2016) fazem a respeito da atual Política Nacional de Educação Especial no Brasil. As autoras salientam que essa política não questiona, efetivamente, a importância da Libras e de uma educação construída a partir dela para os estudantes surdos. “Pressupõe, assim, que os alunos surdos devem adaptar-se às metodologias de ensino pensadas para ouvintes, assim como aos tradutores intérpretes é atribuída a responsabilidade pelos processos de ensino-aprendizagem dos conteúdos pedagógicos” (LODI; ALBUQUERQUE, 2016, p. 47). De fato, essa foi a realidade encontrada em muitas das escolas que figuraram como campo empírico das pesquisas apresentadas.

Materiais e Práticas Pedagógicas na Educação Geográfica de Alunos Surdos

Conforme mencionado anteriormente, seis dissertações apresentaram natureza propositiva em suas pesquisas, com discussões acerca de práticas e materiais pedagógicos no ensino de Geografia para surdos. Na impossibilidade de discutir, em poucas páginas, as propostas de cada autor, as autoras deste artigo elaboraram um quadro com algumas das contribuições trazidas por Silva (2003), Silva (2008), Fuente (2012), Fonseca (2012), Fernandes (2015) e Arruda (2015).

Utilização de *recursos visuais* variados ligados à Geografia, como mapas, maquetes, globos terrestres, charges, gráficos, tabelas, vídeos curtos, desenhos e imagens, além do suporte da internet e de computadores para auxiliar na interpretação do espaço geográfico. Orienta-se que desenhos sejam realizados pelos próprios estudantes para o desenvolvimento de noções cartográficas e de representação do espaço vivido.

Realização de *trabalho de campo* como *metodologia visioespacial*, considerando a especificidade linguística dos alunos surdos (presença de intérpretes no caso de turmas mistas) e também as vivências e as percepções visuais desses estudantes sobre o espaço geográfico.

Realização de *jogos e brincadeiras* que auxiliem no aprendizado de Geografia. No caso de uma turma com alunos surdos e ouvintes, sugere-se que tais atividades sejam desenvolvidas de modo menos acelerado para favorecer o trabalho do intérprete.

Atividades escritas que promovam uma relação de mútuo reforço entre o ensino de Geografia e a utilização da leitura e da escrita da Língua Portuguesa.

Produção de material didático bilíngue de Geografia para surdos em base digital, estruturando-se na Libras, na Língua Portuguesa e na visualidade.

Quadro 1 – Sistematização das contribuições dos trabalhos de natureza propositiva
Fonte: elaborado pelas autoras

As dissertações analisadas alinham-se à perspectiva socio-antropológica da surdez, uma vez que, como afirma Skliar (2005), compreendem que a singularidade dos surdos se relaciona à experiência visual de mundo e à utilização de uma língua assentada nessa experiência. Nesse sentido, a valorização da Libras e de uma

pedagogia visual para o desenvolvimento do estudante surdo e do processo de ensino-aprendizagem da Geografia esteve muito presente nas pesquisas. Os estudos, portanto, partiram de um paradigma que evidenciou as potencialidades desses indivíduos, desvinculando-os do estigma da ausência e da incompletude.

A prática do trabalho de campo como metodologia facilitadora do ensino de Geografia para surdos também foi destacada em vários estudos (SILVA, 2008; FUENTE, 2012; FONSECA, 2012; FERNANDES, 2015). Essa atividade consiste em um grande recurso para o entendimento do espaço geográfico e contribui para aproximar o conhecimento à vivência dos estudantes. Como destaca Resende (1989, p. 84), “se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele”. Portanto, o trabalho de campo, no caso do ensino para alunos surdos, se destaca porque pressupõe a observação do espaço, seus elementos e seus movimentos — o que envolve invariavelmente a visualidade. Além disso, contribui para que esses alunos, muitas vezes excluídos do cotidiano das cidades, se sintam ativos e inseridos no meio em que vivem.

Vale salientar ainda que o atual contexto tecnológico tem influenciado as sugestões de trabalho com o alunado surdo. Percebemos isso nas sugestões de Fonseca (2012), quando propõe o uso da internet e de computadores no ensino da Geografia, e também na pesquisa de Arruda (2015), que reflete sobre o desenvolvimento de um recurso tecnológico com possibilidade de abrigar a Libras, os movimentos e os vídeos para favorecer a aprendizagem geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das nove dissertações, as autoras deste artigo concluíram que os resultados apontam para uma inclusão do estudante surdo ainda precária na escola regular, o que tem dificultado a aprendizagem em Geografia. A falta de formação (inicial e continuada) dos docentes, as barreiras de comunicação entre professor e aluno e a utilização de práticas pedagógicas inadequadas

para alunos surdos foram alguns dos aspectos problemáticos destacados pelos autores.

Por outro lado, é evidente que a produção acadêmica na área tem avançado em propostas pedagógicas para o ensino desse alunado. Diversos tipos de recursos foram apontados no ensino de Geografia para alunos surdos, tais como imagens e fotografias, filmes, elaboração de material didático bilíngue e o trabalho de campo — este último aparecendo em muitas das pesquisas relacionadas. Os autores, no entanto, salientam que não basta a utilização dessas metodologias, mas é necessário refletir e planejar o devido uso desses recursos em função das particularidades dos estudantes surdos, garantindo, de maneira simultânea, uma plena condição de comunicação e interação linguística nas aulas.

A análise das dissertações permitiu ainda verificar algumas lacunas na área de pesquisa, o que pode indicar caminhos para futuros estudos. As investigações apresentadas tiveram como sujeitos estudantes surdos dos anos finais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e das séries iniciais na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Destacou-se, nesse sentido, a ausência de trabalhos que analisem a construção do conhecimento geográfico por crianças surdas nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Ficou claro também que a temática do ensino da cartografia para alunos surdos não foi tão bem explorada nas pesquisas desenvolvidas até o momento.

Portanto, ainda é necessário avançar na construção de práticas que, além de favorecer a aprendizagem geográfica, valorizem a diferença e os aspectos fundamentais para o desenvolvimento dos alunos surdos. Como bem afirmam Kelman e Sousa (2010, p. 48), “a missão principal do professor não é exatamente dar aula, mas sim favorecer a formação e a informação do aluno. [...] aprender é construir significado e ensinar não é apenas dar aula. É fazer o outro entender”. Que seja possível seguir refletindo acerca dos meios semióticos e das formas de interação que propiciem um ensino de Geografia mais contextualizado e significativo para esses estudantes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. *A educação geográfica de alunos surdos em uma escola polo da grande Florianópolis*. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ARRUDA, G. B. *Material didático de geografia para surdos em uma perspectiva bilíngue*. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- FERNANDES, J. V. *Inclusão: educação ambiental aplicada ao ensino de geografia para alunos surdos no CEF 08 do Gama – DF do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental*. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- FONSECA, R. L. *Praticando geografia com alunos e ouvintes: uma contribuição para o ensino de geografia*. 2012. 193 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- FUENTE, A. R. S. *O trabalho de campo em geografia: múltiplas dimensões espaciais e a escolarização de pessoas surdas*. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUARINELLO, A. C. et al. A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. *Rev. Bras. Educ. Esp.*, Marília, v. 12, n. 3, p. 317-330, 2006.
- KELMAN, C. A.; BRANCO, A. U. Comunicação e metacomunicação na inclusão escolar. In: DESSEN, M. A.; MACIEL, D. A. (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: desafios para a psicologia e a educação*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 483-516.
- KELMAN, C. A.; SOUSA, M. A. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora da UnB, 2010. p. 15-58.
- LODI, A. C. B; ALBUQUERQUE, G. K. T. S. Sala Libras língua de instrução: inclusão ou exclusão educacional/social? In: LACERDA, C. B. F; SANTOS, L. F; MARTINS, V. R. O. *Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- LURIA, A. R; YUDOVICH, F. I. O papel da linguagem na formação de processos mentais: colocação do problema. In: LURIA, A. R; YUDOVICH, F. I. *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 7-23.

- OLIVEIRA, T. F. de; EIRAS, J. M. C.; KELMAN, C. A. Surdez, prática docente e recursos: uma análise das publicações dos Congressos de Educação Especial. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos. *Anais...* São Carlos, 2016.
- PENA, F. S. *Ensino de geografia para estudantes surdos: concepções e práticas pedagógicas*. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- RAMOS, D. M.; ZANIOLO, L. O. Tendências e perspectivas da produção acadêmica sobre a temática educação de surdos: mapeamento da produção. *Rev. Bras. Educ. Espec.*, Marília, v. 20, n. 2, p. 303-318, jun. 2014a.
- RAMOS, D. M.; ZANIOLO, L. O. Tendências temáticas da produção acadêmica sobre a educação de surdos. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 11., 2014, São João del Rei. *Anais...*, São João del Rei, 2014b.
- RESENDE, M. M. S. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: VESENTINI, J. W. (Org.) et al. *Geografia e ensino: textos críticos*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1989.
- SANTOS, A. L. F. dos.; AZEVEDO, J. M. L. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 534-550, 2009.
- SILVA, C. C. P. da. *Respeitando as diferenças no trânsito: os alunos surdos em ação e movimento*. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SILVA, C. B. da. *Cenário armado, objetos situados: o ensino de geografia na educação de surdos*. 2003. 244 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SILVA, J. S. *Os desafios no ensino de geografia para surdos: estudo etnográfico na casa do silêncio em Teresina – PI*. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.
- SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.